

A campanha antibritânica nas páginas do jornal *Meio-Dia* (1940-1941)**João Arthur Ciciliato FRANZOLIN***

Resumo: Este artigo tem como fonte e objeto o jornal *Meio-Dia*, que circulou durante os anos de 1939 a 1942, sob direção de Joaquim Inojosa, expoente do modernismo pernambucano. A linha editorial do periódico sofreu alterações ao longo da circulação, mas distinguiu-se por apoiar, na maior parte de sua existência, a Alemanha nazista. Nesse contexto, tem por meta analisar sistematicamente como, no jornal *Meio-Dia*, exceção entre os periódicos brasileiros de então, construíram-se representações acerca da Inglaterra durante a Segunda Guerra Mundial, tema que dominou editoriais e artigos de seu fundador e proprietário, Joaquim Inojosa, cujas opiniões variaram ao longo do período de publicação da folha. Assim, de uma posição de neutralidade, adotada ao longo de 1939, o jornal passou a atacar de forma impiedosa a Inglaterra e louvar a Alemanha e seu regime, postura que vigorou ao longo dos anos de 1940 e 1941.

Palavras-chave: Jornal *Meio-Dia*. Joaquim Inojosa de Andrade. Imprensa brasileira pró-Eixo. Segunda Guerra Mundial.

The anti-British campaign in the pages of the *Meio-Dia* newspaper (1940-1941)

Abstract: The focus and key source of this paper is *Meio-Dia*, a newspaper which was published between 1939-1942 under the administration of Joaquim Inojosa, an exponent of modernism in Pernambuco. The newspaper's opinion underwent changes during the course of its circulation, but was itself characterized by its support of Nazi Germany for the greater part of its publication. The aim of this paper is to systematically analyze how *Meio-Dia* portrayed England during the Second World War, in a manner unlike other contemporary Brazilian journals. This depiction was a topic which dominated the editorials and articles of its founder and owner, Joaquim Inojosa, whose opinions varied throughout the paper's publication. From the position of neutrality which was adopted during 1939, the newspaper then went on to mercilessly attack England whilst praising Germany's regime, a stance which continued throughout 1940 and 1941.

* Mestre em História - Doutorando – Instituto de História e Pós-Graduação em História Comparada – UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro - Largo São Francisco de Paula, 01, Centro, CEP: 20051-070 - Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. A pesquisa que resultou neste artigo contou com financiamento da Fapesp. E-mail: joaoarthurfranz@gmail.com

Keywords: *Meio-Dia* newspaper. Joaquim Inojosa de Andrade. Pro-Axis Brazilian Press. Second World War.

O presente artigo analisa as diferentes representações em artigos opinativos e editoriais a respeito da Inglaterra veiculadas pelo jornal *Meio-Dia*, projeto do escritor Joaquim Inojosa, o qual circulou entre 1º de março de 1939 e 31 de outubro de 1942 e fez uma opção editorial pouco comum: apoiou a Alemanha nazista. Para efetuar tal análise, além do conceito de representações de Chartier – o qual postula serem estas “sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza.” (CHARTIER, 1990, p. 17) – cumpre ressaltar o uso dos referenciais teóricos propostos por Tânia Regina de Luca, a qual afirma que

[...] jornais e revistas não são, no mais das vezes, obras solitárias, mas empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os torna projetos coletivos, por agregarem pessoas em torno de idéias, crenças e valores que se pretende difundir a partir da palavra escrita. [...] Daí a importância de se **identificar cuidadosamente o grupo responsável pela linha editorial, estabelecer os colaboradores mais assíduos, atentar para a escolha do título e para os textos programáticos.** (LUCA, 2005, p. 140, grifo da autora).

Além disso, Maria Helena Rolim Capelato considera os discursos veiculados em jornais e revistas como dotados de um projeto político que é passado diariamente aos leitores por meio dos editoriais e artigos, visto que “todos os jornais procuram atrair o público e conquistar seus corações e mentes. A meta é sempre conseguir adeptos para uma causa, seja ela empresarial ou política” (CAPELATO, 1988, p. 15). Dessa forma, são importantes explicações preliminares sobre o contexto da imprensa no Estado Novo, a linha editorial do periódico, informações sobre a materialidade da publicação, bem como esclarecimentos sobre seu proprietário e fundador Joaquim Inojosa. Este conjunto de dados permite lançar luzes sobre o *Meio-Dia*, órgão de imprensa pouco conhecido.

Quando o *Meio-Dia* chegou às bancas, o Estado Novo de Getúlio Vargas já contava um ano e três meses de existência e a nova Constituição, elaborada por Francisco Campos, havia alterado significativamente a relação dos jornais com o governo, pois os submeteu à autoridade do Estado, como dispunha o Artigo 122, parágrafo 15 da Constituição de 1937 que, dentre outras disposições, estipulava: “a imprensa exerce uma função de caráter público” (BRASIL, 1937). Quando o *Meio-Dia* iniciou suas atividades, o governo contava com o Departamento Nacional de Propaganda (DNP), substituído em 27 de dezembro de 1939 pelo DIP, responsável pela intensificação do controle da imprensa e de outros meios

de comunicação (ARAÚJO, 2001, p. 1830-1833). O DIP estava subordinado à Presidência da República e suas funções eram muito mais abrangentes que as desempenhadas pelos órgãos que o antecederam. Compunha-se das seguintes divisões: Divulgação, Radiodifusão, Cinema e Teatro, Turismo, Imprensa e Serviços Auxiliares e era responsável pela publicidade de todo o governo. Os jornais eram fiscalizados pela Divisão de Imprensa e pelo Conselho Nacional de Imprensa, os quais davam chancela a novas publicações e controlavam suas atuações no cotidiano, tal como afirma Souza (2003) e Goulart (1990). Não obstante, Destaque-se que a relação do DIP e do governo com os jornais não se pautou apenas pela censura pura e simples, mas foi muito mais abrangente. Algumas vezes, não se hesitou em usar a força, como atesta a desapropriação do matutino *O Estado de S. Paulo* que, a partir de então, se tornou porta-voz do regime, ou ainda o caso do diário *A Noite*, no Rio de Janeiro, propriedade da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, que também possuía a Rádio Nacional, e que foi encampada por meio do Decreto-Lei nº 2.073, de 08 de março de 1940 (FERREIRA, 2001).

Os periódicos do período analisado também merecem destaque. Contrariamente ao *Meio-Dia*, da *Gazeta de Notícias* em sua segunda fase, analisada por Igor Gak (2006) e do *Diário de Notícias da Bahia*, examinada por José Carlos Peixoto Júnior (2003), que apoiaram a Alemanha nazista, órgãos importantes da grande imprensa do período deram suporte aos Aliados durante o período de 1939-1945, tais como *O Estado de S. Paulo*, mesmo sob intervenção federal desde 1940 (COSTA, 2010) e o *Correio da Manhã* (FRANZOLIN, 2008), como demonstram pesquisas recentes.

Também devem ser levadas em consideração algumas informações a respeito da biografia do diretor-proprietário e fundador Joaquim Inojosa, figura conhecida nos meios literários, pois manteve vínculos estreitos com os protagonistas da Semana de Arte Moderna de 1922.¹ Joaquim Inojosa de Andrade nasceu em 27 de março de 1901 em São Vicente Férrer, uma vila do município de Timbaúba, em Pernambuco. Ainda jovem, estudou no Colégio Nabuco, localizado na mesma cidade e, posteriormente, no Ginásio Aires Gama, já na capital do estado, onde organizou a Sociedade Literária Álvares de Azevedo. Desde 1917, publicava artigos em pequenos jornais da Paraíba e Pernambuco e, dois anos depois, matriculou-se na Faculdade de Direito do Recife. Em março de 1922, empregou-se como redator no *Jornal do Comércio*, de Recife, e, em setembro do mesmo ano, integrou uma “embaixada de acadêmicos de Direito”, que se dirigiu ao Rio de Janeiro e a São Paulo, onde travou contato com os modernistas. A partir daí, Inojosa passou a ser reconhecido como o maior propagador dos ideais modernos no Nordeste e Norte do Brasil, a começar por Pernambuco.

Logo após retornar à sua terra natal, em dezembro de 1923, formou-se em Direito e, depois de algum tempo, foi nomeado adjunto de promotor e, finalmente, promotor público no

Recife. Em 1930, tomou parte na rebelião de Princesa, ocorrida na cidade de mesmo nome na Paraíba. Segundo o relato de Inojosa, sua participação nos eventos resumiu-se à criação de um jornal clandestino, o *Jornal de Princesa*.

Com o advento da Revolução de 1930 e o fim das hostilidades na região, o escritor conseguiu um salvo-conduto com o amigo e Secretário de Segurança do Estado, Arthur de Souza Marinho, e partiu em direção ao Rio de Janeiro, onde desembarcou em 14 de dezembro de 1930. Ao chegar, procurou Assis Chateaubriand, dono dos Diários Associados, para tentar vender o *Jornal do Comércio*, do Recife, a pedido do sogro. Embora a transação não tenha se concretizado, Inojosa passou a colaborar em *O Jornal*, na seção de crônica judiciária, na qual permaneceu até 1938. Ao mesmo tempo que trabalhou em *O Jornal*, reorganizou em 1934, em Minas Gerais, a Companhia de Fiação e Tecelagem Industrial Mineira, que subsistiu até 1939. Tais foram os principais eventos da vida de Inojosa imediatamente anteriores à fundação do *Meio-Dia*.

Em relação ao período posterior ao final do jornal e ao término da guerra, Joaquim Inojosa apoiou a campanha do General Eurico Gaspar Dutra à Presidência da República e, de 1946 a 1947, foi nomeado Conselheiro do Ministério do Comércio, Indústria e do Trabalho. Entre 1948 e 1950, foi responsável pelo semanário *A Nação*, favorável a Dutra. Durante toda a década de 1950, empenhou-se na promoção de sua nova empresa, “Mundial-Turismo”, e procurou estimular a divulgação do turismo no Brasil. Com o malogro do empreendimento, voltou a publicar o *Meio-Dia*, em 1965, em edições mensais, de forma a garantir a chancela do título e, em 1968, regressou a *O Jornal*. Em 1971, colaborou no conceituado Suplemento Literário de *O Estado de S. Paulo* e no *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro. Na década de 1960, sua produção literária foi bastante fecunda, com a publicação de *Diário de um estudante (1920-1921)*, *Crônicas de outros tempos*, *Crítica e polêmica*, *Discursos e conferências*, *Alguns aspectos de direito*, *O Direito e o foro*, *No pomar vizinho* e, sua obra mais reconhecida, *O movimento modernista em Pernambuco*. Faleceu em 12 de janeiro de 1987, aos 86 anos de idade.

Sob o comando de Inojosa, o *Meio-Dia* surgiu em 1 de março de 1939 como um vespertino e assim se manteve enquanto circulou. Não saía aos domingos, quando só eram editados matutinos, e conseguia maior margem de lucros às segundas-feiras, quando não sofria a concorrência dos últimos. Já em relação ao título do jornal – *Meio-Dia* – pode ter se originado do fato de chegar às ruas entre as onze horas da manhã e o meio-dia. Entretanto, segundo Joaquim Inojosa, as motivações eram mais amplas, como ele deixou patente ao explicitar suas expectativas em relação à publicação:

MEIO-DIA é um símbolo. “Sol pleno-zenital”, ou “alvorada”, como o crismaram confrades ilustres, a força de sua vitória no jornalismo brasileiro

reside na própria vontade de colaborar pela grandeza do Brasil, na hora em que a pátria convoca os seus filhos para a disciplina, para o trabalho e para a ordem.

Jornal moderno, rápido, informativo, independente, aparece exatamente quando a técnica moderna invade o país no setor das diversas indústrias, dentro de cujo progresso terão os jornais de enquadrar-se se quiserem sobreviver.

MEIO-DIA aí está, para servir ao povo e para ser julgado pelo povo. (INOJOSA, 1939, p. 02).

Como fez questão de destacar Inojosa, o *Meio-Dia* possuía uma especificidade: havia surgido no contexto do Estado Novo. A apresentação não deixa dúvidas quanto à simpatia pelo regime e à intenção de colaborar com o mesmo, o que, de fato, verifica-se por meio da linha editorial adotada, que exaltava o regime, sua política e o presidente Getúlio Vargas. A relação do periódico com o Estado Novo foi bastante conturbada. De fato, o DIP suspendeu o jornal em 1940 em duas ocasiões: por não atender ao horário de saída dos vespertinos e pela publicação do ofensivo artigo “Solidariedade Defensiva”, de Inojosa. O virulento artigo do diretor do *Meio-Dia* atacava a política externa norte-americana, acusando-a de tentar se imiscuir em assuntos europeus, o que gerou protestos da embaixada norte-americana no Rio de Janeiro. Em 1941, a planejada sucursal do vespertino no Rio Grande do Sul teve suas portas cerradas pela polícia de Porto Alegre, que se utilizou da violência para inviabilizar o empreendimento sem qualquer motivo aparente. As reclamações feitas por Inojosa a Lourival Fontes e ao DIP não tiveram efeito. Já em 1942, Inojosa e alguns funcionários foram presos pelo fato de terem sido encontrados boletins de propaganda nazista na casa do contínuo e vigia do *Meio-Dia*, Luiz Vieira Leitão. Dessa forma, observa-se que a trajetória do jornal, que sempre apoiou o regime, não foi tranquila.

Em relação ao conteúdo e à diagramação do periódico, pode-se afirmar que seu primeiro ano de existência foi marcado por constantes flutuações e mudanças no número de edições, de páginas e no tamanho. Pode-se supor que os idealizadores ainda estivessem experimentando possibilidades e buscando dotar o periódico de identidade própria, daí as constantes alterações. Em 1940, o jornal enfim estabilizou sua configuração no formato *standard*, três edições e oito páginas. Nesse período, seus idealizadores continuaram apostando no constante uso de manchetes ruidosas, de forma a assinalar os assuntos julgados importantes.

A exemplo do que ocorria com quase todo o conteúdo do jornal, o expediente não possuía lugar fixo, nem mesmo nas várias edições de um mesmo número. No mais das vezes, era publicado nas páginas dois, três ou quatro. Trazia informações sobre preços da assinatura e da edição avulsa, o endereço da redação e das oficinas gráficas, situadas à Rua da Constituição n° 38, no centro da cidade do Rio de Janeiro. A partir de 1941, passou a estampar as sucursais no Brasil – São Paulo, Curitiba, Belo Horizonte, Goiás, Recife e

Porto Alegre (em relação à distribuição do jornal nos Estados, sabe-se que os exemplares eram impressos no Rio de Janeiro e então enviados de avião às sucursais) – e, desde outubro, as do exterior – Roma e Berlim. Em 21 do referido mês, anunciou-se na primeira página a abertura de uma representação na França de Vichy, que nunca constou do expediente, e a presença de um correspondente em Madri. Segundo informações presentes no próprio jornal, Silva-Monteiro foi diretor da sucursal de Berlim, e Carlos Deambrosis-Martins dirigiu a de Vichy. Diante da ausência de maiores informações, não é possível precisar a origem dos recursos para tal empreitada. O fato é que, a partir de junho de 1942, não houve mais menção às sucursais.

Era no expediente que constavam os principais responsáveis pelo periódico, destacados em pequeno box. Aqui as alterações e variações não foram menores, exceção feita ao seu diretor proprietário, Joaquim Inojosa, e ao gerente, Mario da Trindade Henriques, sobre quem não foi possível encontrar referências em obras gerais ou em dicionários biobibliográficos. Já o cargo de secretário da redação nem sempre existiu no vespertino.

Como quase todo o conteúdo do *Meio-Dia* nos seus primeiros momentos de existência, os editoriais foram publicados de forma irregular, sem periodicidade certa e marcando presença somente em ocasiões especiais. Não traziam assinatura e possuíam diferentes títulos a cada edição, ao sabor dos acontecimentos. Localizavam-se em uma das primeiras quatro páginas, variando em cada edição. Tal escolha não se alterou ao longo do tempo, ainda que, a partir de 1940, tenha havido maior concentração nas duas primeiras páginas e, a partir de 1941, se optasse, preferencialmente, pela segunda. O editorial diferenciava-se do restante do conteúdo por ser publicado num box, sempre em destaque. O artigo de Inojosa, que fazia as vezes de editorial, oscilou entre as três primeiras páginas, ao passo que a diagramação variava, ainda, de acordo com a edição. O artigo chegou a ocupar um pedaço da primeira página e seguir na segunda, sempre com título diferente a cada edição.

Os editoriais e os artigos de Joaquim Inojosa expressavam a opinião do jornal, razão pela qual foi necessário analisar, em detalhes, todo o material. Essa empreitada permitiu distinguir duas temáticas principais: o Estado Novo, quantitativamente menos numerosa, e a Segunda Guerra Mundial, que tomou vulto crescente nas páginas do vespertino. Em relação à primeira, destaca-se a exaltação de Vargas e do regime e, no que respeita à segunda, com o desenrolar do conflito, o jornal tomou posições variadas no decorrer do tempo em relação aos beligerantes, e principalmente em relação ao então Império Britânico. De fato, em 1939 teve postura pró-inglesa, ao passo que em 1942, ano do fim da publicação, teve atitude ambígua em relação ao governo britânico. Já no intervalo 1940/1941 o jornal tornou-

se inimigo acerbo da Inglaterra, ao mesmo tempo que defendeu a Alemanha, período que interessa a esse artigo.

Contra a “plutocracia” inglesa

Em 1940 e 1941, observou-se considerável alteração na linha editorial do jornal. Não por acaso, foi justamente neste momento que as agências de notícias estrangeiras *RDV* e *Transocean*, alemãs, e *Stefani*, italiana, ocuparam significativo espaço nas suas páginas. A grande maioria das notícias internacionais passou a ser provida por essas empresas, que enalteciam os resultados da Alemanha na guerra em curso na Europa. Tal motivo pode ser explicado pelo fato de que Inojosa conseguia manter sua publicação por meio dos lucros advindos da sua empresa Companhia de Fiação e Tecelagem Industrial Mineira, que, afinal, faliu em finais de 1939. A pesquisa apontou o fato de que tais empresas estrangeiras, juntamente com a Embaixada da Alemanha no Rio de Janeiro, foram responsáveis pela manutenção do jornal em 1940-1941. De fato, Por ter se envolvido com atividades ligadas ao nazismo, Joaquim Inojosa e seu jornal tornaram-se alvos da vigilância do Estado. Com efeito, o Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) produziu numerosos relatos sobre ambos. A documentação evidencia a proximidade entre o jornal e os alemães, iniciada em 1939, e que envolvia trocas monetárias.² A maior parte das anotações diz respeito ao financiamento do *Meio-Dia* pela Embaixada da Alemanha, *Transocean*, *Casa Lohner*, que anunciava no vespertino com frequência, e das Estradas de Ferro Alemãs. Ressaltava-se o fato dos alemães supostamente arcarem com todas as despesas do cotidiano e ainda da hipoteca do jornal. Vale lembrar que a agência de notícias *Transocean* foi citada, na maior parte dos documentos, como principal financiadora.

No entanto, a mudança de tom em relação aos ingleses não pode ser explicada tão somente pela presença maciça das agências de notícias estrangeiras e dinheiro alemão. A conjuntura internacional mudou significativamente no segundo ano da guerra. Naquele momento, a máquina de guerra alemã ainda parecia invencível. De fato, até a virada em El-Alamein, em 1942, e Stalingrado, no ano seguinte, os nazistas só colecionaram vitórias. Da invasão da Polônia (1939) até o arrefecimento das operações na Rússia (fins de 1941), os exércitos alemães ocuparam todo um continente e estabeleceram um império. Para um contemporâneo do conflito, a vitória da Alemanha parecia plausível.

Foi notória a modificação do lugar ocupado pelos Aliados nos editoriais e artigos de Inojosa, a partir de 1940.³ A Inglaterra, objeto de admiração e respeito ao longo de 1939 transformou-se no país mais visado e atacado pelos textos que expressavam a opinião do jornal. Durante todas as operações e fases da guerra, do ataque à Dinamarca e Noruega até a entrada dos Estados Unidos no conflito, registram-se inúmeros comentários depreciativos

sobre os ingleses, pelos mais variados motivos, os quais seguiam, no entanto, um padrão. Entre os mais recorrentes estava a acusação de deslealdade, daí ser chamada de Páfida Albion,⁴ a pecha de terra da plutocracia, a fraqueza e ineficácia de seu exército, a propaganda mentirosa, críticas ao bloqueio marítimo inglês, estratégia para assassinar o povo alemão pela fome, a corrupção dos políticos ingleses, a culpa pelo início da guerra, para ficar nas acusações mais recorrentes.

Nos anos 1930 e 1940, a Grã-Bretanha já não desfrutava, no cenário internacional, do mesmo poder que detivera na época vitoriana, mas ainda possuía extensas colônias e domínios ao redor do globo, o que lhe garantia lugar entre as grandes potências. Conceder destaque aos ataques alemães à Inglaterra significava diminuir a força dos ingleses e afirmar o poderio da Alemanha que, segundo a opinião do(s) editorialista(s) e do diretor do vespertino, seria nova senhora do mundo. Dessa forma, a glorificação da Alemanha se fazia presente mesmo quando o tema recaía sobre os outros países. Havia, dessa forma, uma exaltação direta, quando os alemães eram tema de editoriais e artigos, e outra indireta, pois os países atacados pelo Reich eram alvo de pesadas críticas.

É digno de nota que, a partir do início de 1940, França e Inglaterra passaram a ser apresentados como causadores da guerra. Alguns dias antes do início da campanha da Noruega, iniciada em 09 de abril de 1940, nos artigos de Inojosa e nos editoriais há uma série de ataques aos ingleses, responsabilizados pelo início do conflito.⁵ O título do editorial, “Livro Branco Alemão”, fazia referência a uma coleção de documentos publicados pelo Reich que elucidava a eclosão e apontava os “responsáveis” pelo fato. O *Meio-Dia* valeu-se da obra para fazer da “perfídia inglesa” a única causadora do conflito em curso e de outros ocorridos no passado. Asseverava-se que, em breve, a Inglaterra seria vencida pelos alemães, o que a impediria de continuar criando “discórdia” entre os povos. Ao indicar a Inglaterra como culpada pela guerra, o autor livrava a Alemanha de qualquer participação na eclosão do conflito, muito embora o Reich tivesse invadido a Polônia em 01 de setembro de 1939, o que levou os Aliados à guerra dois dias depois. O texto se utiliza ainda de artifício comum a todos os editoriais do jornal que citavam a Inglaterra no período: por meio da depreciação do país e de seu esforço de guerra, era possível amplificar o suposto poderio da Alemanha, visto esta última travar combate com o maior império do globo.

Outro texto sobre a mesma temática foi publicado quando os exércitos alemães já haviam atacado Holanda, Bélgica, Luxemburgo e França. Nele afirma-se que a proposta de paz feita pelos alemães, ainda em 1939, foi considerada, por ingleses e franceses, um “ato de fraqueza” da Alemanha, erro fatal de cálculo, tendo em vista que, nesse momento, parte considerável da Europa já se dobrara ao poderio germânico, apesar do bloqueio marítimo inglês imposto à Alemanha. A mensagem padrão, a qual declarava os ingleses culpados pela guerra, encontra aqui uma variação na questão do bloqueio.⁶

O título do editorial tem seu nome retirado de *Tu l'as voulu*, George Dandin, expressão utilizada na peça de Molière, *George Dandin ou le Mari confondu*, de 1668, que significa “É sua culpa, George Dandin” ou “Você pediu por isso, George Dandin”. Trata-se de alusão ao bloqueio marítimo inglês contra a Alemanha que, supostamente, trazia prejuízos para a própria Inglaterra. Na visão do autor, a derrota e ocupação da Noruega e Dinamarca pelos alemães teriam privado as Ilhas Britânicas de produtos desses países, o que acarretaria fome para os britânicos e não para os alemães. Além disso, França e Inglaterra eram acusadas de pretenderem assassinar mulheres e crianças alemãs como forma de vencer o país. Como se vê, o tom dos editoriais era bastante hostil aos Aliados e, principalmente, aos ingleses.

A capitulação da França e o fato de a Inglaterra restar como o último inimigo a ser derrotado fizeram subir o tom dos editoriais e dos artigos de Inojosa. À intensificação das críticas, que se tornaram cada vez mais ácidas, correspondeu a multiplicação dos textos, que dobraram após a queda da França e chegaram ao ápice com a chamada “Batalha da Inglaterra”. De acordo com John Keegan (2005, p. 94),

The Battle of Britain, historians would agree in retrospect, was to fall into five phases of German improvisation: first the ‘Channel Battle’ (Kanalkampf) from 10 July to early August; then ‘Operation Eagle’, beginning on ‘Eagle Day’ (Adlertag), 13 August, the ‘classic’ phase of aerial combat between the Luftwaffe and the Royal Air Force, which lasted until 18 August; next the Luftwaffe’s switch of offensive effort against Fighter Command’s airfields from 24 August to 6 September; then the Battle of London, from 7 to 30 September, when the Luftwaffe’s fighters escorted its bombers in daily, daylight and increasingly costly raids against the British capital, and finally a series of minor raids until the Battle’s ‘official’ end on 30 October.⁷

A Inglaterra era bombardeada quase que diariamente pelos pilotos alemães, o que acarretou enormes prejuízos para Londres, Liverpool, Coventry, entre outras cidades. Os editorialistas e Inojosa aproveitaram esse novo filão para demonstrar a fraqueza e a incapacidade dos ingleses de continuar no conflito, como se observa no curioso editorial “A sombra da derrota”, de outubro de 1940, no qual se utilizava uma pequena narrativa para tornar mais ácidas as críticas aos britânicos. Vale acompanhar a argumentação na sua íntegra:

(A cena, rápida, passa-se numa rua de Londres, pequeno intervalo entre dois alarmes aéreos, encontrando-se ali o major Attlee e um dos seus eleitores, o operário John Smith).

Attlee – Alô, Smith! Como vai? Você leu o meu último discurso, cujo ponto culminante foi a frase “A sombra da derrota paira sobre a Alemanha?”

Smith – Sim! Uma bela frase! Mas, infelizmente, apenas uma frase!

A. – Como então Smith! Você então não concorda comigo que a Alemanha está às portas da derrota?

S. – Ora, major! Nós estamos aqui sozinhos e ninguém nos ouve! Podemos, portanto, falar a verdade. Eu acho que a sombra que o senhor viu não passa de um fantasma. Para sobreviver uma derrota definitiva há de ter havido antes derrotas parciais. E o senhor me indique uma única derrota da Alemanha!

A. – Mas Smith, eu não entendo você. Você então não ouviu falar da proeza gloriosa dos nossos homens em Dunquerque?

S. – O major disse proeza gloriosa, ou retirada gloriosa?

A. – Eu disse proeza gloriosa porque conseguimos salvar quase todos nossos homens, embora tenha ficado lá no continente todo o nosso belo equipamento!

S. – Sim! Foram-se os anéis mas ficaram os dedos! Para falar com franqueza, major, toda a nossa história militar desta guerra não passou até agora de “retiradas gloriosas!” Vejamos: Retiramos, primeiro, gloriosamente, nosso corpo expedicionário da Linha Maginot! Seguiu-se a retirada vitoriosa de Dunquerque! Houve, antes, as retiradas gloriosas de Andalsnesse e Namsos, onde só não perdemos nosso equipamento porque os alemães não nos deixaram tempo de desembarcá-lo. A seguir, a retirada gloriosa de Narvik, da qual nem é bom falar, pois não desejo atacar um colega de gabinete do senhor, cuja propaganda nos dizia, diariamente, que havíamos tomado Narvik. Em tempos mais recentes e em outros continentes, houve a retirada gloriosa da Somalilândia; seguiu-se a retirada gloriosa de Sidi el Barani; e, finalmente, há poucos dias, a retirada gloriosa de Dakar, por cuja causa, como informou o sr. Churchill na Câmara dos Comuns, algumas altas patentes das nossas forças armadas terão de se sentar no banco dos réus de um Conselho de Guerra. Como vê, major, retirada gloriosa, após retirada gloriosa!

(Neste momento soam as sirenes de alarme aéreo).

A. – Você tem sorte, Smith, que soem as sirenes. Pois, de outra maneira, eu iria lhe explicar que foram vitórias todas aquelas retiradas gloriosas! (Afasta-se rapidamente para procurar refúgio).

S. – (sozinho) – Se isso se chama: paira sobre a Alemanha a sombra da derrota, então o que paira sobre a Inglaterra? A escuridão da derrocada?! (Começam a cair as primeiras bombas alemãs). (A SOMBRA..., 1940, p.02).

Clement Attlee era líder do Partido Trabalhista durante a Segunda Guerra e membro do governo de coalizão liderado por Winston Churchill, além de primeiro-ministro inglês no imediato pós-guerra (MORGAN, 2001, p. 632-635). Recebeu o título de major na Primeira Guerra Mundial. Já o operário John Smith representava o inglês comum, cansado de ser iludido pelas mentiras propagadas pelo governo. Uma após outra, Smith enumera todas as retiradas gloriosas que a Inglaterra tomou parte, inclusive a de Dunquerque, e afirma que a Inglaterra sofria a escuridão da derrocada, pois era incessantemente bombardeada pelos aviões da *Luftwaffe*. Além disso, na fala de Smith, o governo britânico era apresentado como ineficiente, pois levaria o Reino Unido ao desastre. Attlee foge de seu interlocutor ao ouvir a sirene antiaérea, o que denuncia a falta de responsabilidade dos membros do governo para a população, deixada à mercê dos ataques. Por fim, vale registrar que, na narrativa, apenas o governo britânico era acusado; a população, representada por Smith, não tem qualquer parcela de culpa no fracasso das operações de guerra, e era apresentada como vítima dos políticos, temática recorrente na propaganda nazista.

À medida que a batalha aérea progredia, iniciaram-se pesados ataques do jornal à propaganda britânica, apontada como mentirosa e difusora de otimismo inexistente. Modelo dessa temática foi o editorial “Êxtase de propaganda”, de 27 de agosto de 1940. O texto contém grande parte dos temas antibritânicos até aqui descritos, pois assegurava que a imprensa e o rádio difundiram falsas notícias de vitórias dos pilotos britânicos que nada mais seriam do que uma máscara para ocultar a verdadeira situação do país, prova da má fé daqueles que conduziam a política na ilha. O autor acreditava que se vivia sob efetivo estado de emergência, fruto dos ataques alemães, e insistia no fato de a Inglaterra haver traído e usado outros países para lutar por ela, abandonando-os quando mais precisavam.⁸ Em outra parte do texto lembrava-se que, enquanto os meios de comunicação cantavam vitórias, cidadãos ingleses eram encarcerados simplesmente por morarem próximos de regiões atacadas e que mesmo os jornalistas estrangeiros estavam proibidos de registrar os estragos causados pelos bombardeios, tamanho os prejuízos.

A apresentação da elite política inglesa como uma plutocracia, interessada em acumular bens e dinheiro, foi outro tema recorrente de vários editoriais e dos artigos de Inojosa. Os políticos ingleses, provenientes das classes mais abastadas, estariam dissociados da população, que sofreria sozinha os horrores da guerra. Além do mais esse grupo, único responsável pelo início da guerra, cuidava de seus próprios interesses e procurava refúgio no Canadá, deixando o povo à mercê dos ataques. Vale ressaltar que, para Inojosa e nos editoriais, o governo inglês era o único responsável pela terrível fatalidade reservada à Inglaterra, e não a população das ilhas, meras vítimas dos plutocratas britânicos, argumento idêntico ao veiculado na Alemanha.

Joaquim Inojosa, na maioria de seus textos, fez eco aos editoriais, pois também denunciava as supostas mazelas e crimes praticados pelos britânicos. Veja-se, a título de exemplo, o editorial de julho de 1940, quando a Inglaterra já lutava sozinha contra os alemães. O diretor do vespertino publicou texto afirmando que a teimosia britânica em não aceitar a segunda proposta de paz de Hitler custou ao Reino Unido a ocupação de vários países aliados. A proposta do líder alemão era apontada como um ato de misericórdia para com um adversário moribundo, que já não tinha capacidade de se defender sozinho. Ao citar os londrinos, que afirmavam que a Alemanha não suportaria uma guerra longa, Inojosa queria mostrar que os ingleses é que não aguentariam um conflito de longa duração, pois o isolamento de seus habitantes nas ilhas, acossados por um exército até então invencível, tornavam escassas as chances de vitória. Além disso, a dependência inglesa de suas colônias seria fatal, pois o contra bloqueio alemão levaria ao colapso do abastecimento e à derrota do país.⁹

Inojosa diferenciou-se dos editoriais por citar, em vários artigos, os judeus como influência negativa por trás (ou como parte constituinte) do governo britânico. Com uma

radicalidade crescente, o diretor do *Meio-Dia* confiava na vitória da Alemanha, não apenas pela precisão e perícia de seus pilotos, mas igualmente pelo fato de o país travar uma luta para “destruir o imperialismo britânico, chave do judaísmo internacional”, cujos agentes eram os capitalistas e plutocratas da *City* de Londres. Tal concepção foi reafirmada ainda em outros textos, o que demonstra a sua gradual conversão aos ideais da propaganda de guerra germânica. Além disso, os ingleses, mais uma vez, supostamente difundiam pela BBC mentiras para demonstrar que o poderio alemão estaria esvaindo-se.¹⁰

Embora a situação militar da Inglaterra em outubro fosse tida pelos contemporâneos do conflito como catastrófica e favorável à Inglaterra, a chamada “Batalha da Inglaterra” não significou uma derrota alemã e muito menos uma vitória inglesa. Segundo o historiador britânico Richard Overy,

The German failure to win air supremacy was beyond doubt by October as the air conflict slowly subsided. Neither side was defeated in any conventional sense. Though the battlefield was littered with the debris of combat, the two fighter forces in October each had around 700 operational aircraft and sufficient numbers of trained pilots to fly them, a balance of forces not very different from the start of the battle. German losses greatly exceeded those of the RAF because of the vulnerability of bombers and dive-bombers. Between 10 July and 31 October the RAF lost 915 aircraft, the German Air Force 1733. Losses on both sides were soon made good. The outcome was technically a stalemate. British forces had little prospect of re-entering Continental Europe; German forces could not, under present circumstances, invade or occupy Britain (OVERY, 2004, p.116-117).¹¹

Vale ainda lembrar que a posição política e militar da Inglaterra era, depois da queda da França, bastante precária. Embora pudesse contar com apoio material dos norte-americanos, o país seguia sozinho na guerra, era bombardeado constantemente pela *Luftwaffe* e não poucos julgavam tratar-se do ocaso do Império Britânico, que seria em breve subjugado pela Alemanha nazista. Segundo Joachim Fest, historiador e biógrafo de Hitler, a situação em fins de 1940 era bastante delicada:

As ações militares foram acompanhadas de uma tentativa de levar a Inglaterra a ceder por meio da formação de um “bloco continental” englobando a Europa inteira. As circunstâncias para a realização desse objetivo pareciam favoráveis. Uma parte da Europa já era fascista, outra estava ligada ao Reich por simpatias políticas ou por tratados [...] Os êxitos militares não só haviam feito de Hitler o ditador mais temido do continente, como também tinham ampliado consideravelmente a aura que emanava dele e de seu regime; ele parecia encarnar o poder, o momento histórico e o futuro, enquanto a derrota da França, principalmente, era sentida como a prova da impotência e o fim do sistema democrático [...] Hitler surgiu no papel de “juiz supremo”, os povos solicitavam seus conselhos e ele tinha nas mãos o destino do continente (FEST, 2006, p.726).

Embora uma invasão terrestre alemã não se concretizasse, a situação do Reino Unido era difícil, pois os alemães dominavam quase todo o continente europeu. Entre os contemporâneos, não poucos acreditavam que a Alemanha sairia vitoriosa, uma vez que os britânicos eram tidos como incapazes de desfechar um ataque decisivo contra Hitler em 1940. Tal fato também explica a inabalável confiança no Reich, que transparece nos editoriais e nos textos de Inojosa. De acordo com o historiador Andrew Roberts (2010, p. 118),

For British strategists a vast void had opened up. Where were they to strike the Axis next, now that Europe was completely closed off? More out of a lack of any viable alternative than anything else, as well as to protect British interests further afield, the war was transferred to the North African littoral and the Mediterranean. Soon the victory of the battle of Britain was to seem like an all too isolated incident in a dangerously unpredictable struggle.¹²

Além do fato desses textos referirem-se, pejorativamente, ao suposto arqui-inimigo da Alemanha, a Inglaterra, eles ressaltavam a fraqueza das Ilhas Britânicas e dos ingleses diante do poderio da máquina de guerra alemã. Segundo o historiador inglês David Welch (1995, p. 91), que se dedicou ao estudo da propaganda nazista, “*in the first years of the war, propaganda had a relatively easy task capitalising on the blitzkrieg victories.*”¹³ No período em apreço, os alemães puderam reverter seus sucessos militares em propaganda política, na qual construíram imagens pejorativas de seus inimigos. Anthony Rhodes (1987, p.31) assim descreveu a propaganda nazista contra a Inglaterra:

England was depicted as a citadel of “plutocracy”, where a handful of corrupt financiers, most of them Jews, encouraged international warfare, because it increased their wealth, as well as their hold over the poor workingman. The Germans had no quarrel with the English masses, [...] only with their rulers.¹⁴

Os editoriais e artigos de Inojosa expressavam ideias muito semelhantes para descrever os governantes ingleses, ao mesmo tempo que eram embalados pelas recentes vitórias alemãs, temas dos editoriais e artigos. O fracasso de boa parte das ações militares inglesas na Europa, seguido do bombardeio incessante das Ilhas Britânicas, proviam argumentos para os simpatizantes do nazismo. De fato, a Inglaterra só iria ter algum sucesso militar efetivo na Batalha de El-Alamein, travada em finais de 1942, quando o vespertino já não existia. Embora seja plausível supor que Inojosa e o(s) autor(es) dos editoriais tenham se apropriado de temas da propaganda nazista vigente na Alemanha, o recebimento de telegramas diários das agências de notícias favoráveis à causa alemã facilitavam a construção de críticas contra os ingleses.

Os textos a respeito dos ataques aéreos alemães sobre a Inglaterra quase cessaram no início de 1941. Ao mesmo tempo que a ofensiva da *Luftwaffe* não provocou a derrota do país e nem mesmo um acordo de paz, o jornal rapidamente mudou de temática e passou a abordar a campanha do norte da África. O silêncio resultou da falência do argumento que apresentava o Império Britânico como derrotado e próximo da rendição. As críticas à Inglaterra, todavia, não feneceram. Além disso, cabe destacar que se repetiram, à exaustão, críticas semelhantes às já analisadas, atualizadas em função do desenrolar do conflito. É preciso ter em conta, ainda, que o país era o último bastião democrático na Europa, já que boa parte do continente estava ocupada pela Alemanha (caso da Polônia, França e países do Oeste europeu) ou possuíam regimes autoritários (Espanha, Portugal, Bulgária e Romênia). Ao amparar os germânicos, o jornal também apoiava a destruição da democracia, e, dessa forma, se colocava plenamente a favor da Alemanha de Hitler e também do regime autoritário brasileiro, que procurava aproximar dos congêneres europeus.

Um bom exemplo da abordagem dada à propaganda veiculada pelas agências telegráficas inglesas pode ser visto no editorial “Propaganda errada”, que caçoava dos comunicados de guerra emitidos por Londres. De fato, nos editoriais de 1941 foi constante a menção a tais supostas estratégias britânicas, que consistiriam em divulgar notícias de vitórias sobre os alemães, só para em seguida desmenti-las. Pior que os desmentidos eram as notícias forjadas, destinadas a se fazer crer que a Inglaterra seguia uma vida normal, apesar das bombas que ainda eram jogadas sobre o país pela *Luftwaffe* no começo de 1941. A julgar pelos editoriais, o Reino Unido estaria vencido e a propaganda britânica, na tentativa de levantar o moral da sua população e ganhar a simpatia de leitores no exterior, se valeria de absurdos formulados por loucos, nos quais poucos acreditariam. Esse tipo de texto foi comum em 1941, a ponto de tornar enfadonha a leitura dos artigos e editoriais.¹⁵

Joaquim Inojosa não agiu de outra forma diante dos comunicados ingleses, e repetiu as mesmas ideias elaboradas nos editoriais quando os alemães enfrentavam tropas anglo-gregas-iugoslavas nos Bálcãs. Mais uma vez surge a ideia de que os ingleses, a princípio, venciam, mas logo eram desmentidos pelos fatos, que davam vantagem aos alemães. Embora não esteja explícita no texto, a agência citada por Inojosa é a *Reuter*, importante órgão inglês que veiculou os comunicados oficiais britânicos durante o conflito. A empresa foi citada (explícita ou implicitamente), ao longo de 1941, como cúmplice na difusão de propaganda veiculada pelo Ministério da Informação de Londres. Mais uma vez, deve-se destacar a unidade das críticas veiculadas no vespertino, que operavam segundo um padrão.¹⁶

Se os ingleses eram obrigados a usar a propaganda enganosa para elevar o moral de sua desanimada população, isso era o resultado, segundo o vespertino, dos constantes desastres militares protagonizados pelos soldados ingleses, que supostamente fugiam dos

combates, ao invés de enfrentar os germânicos. Este foi outro ponto bastante abordado em editoriais e artigos de Inojosa. A chamada Operação *Crusader*, ofensiva no norte da África lançada pelo general Alan Cunningham, em meados de novembro de 1941, contra alemães e italianos, forneceu oportunidade para comentários do jornal. O texto, exemplar dessa temática, merece ser reproduzido:

[...] A agência oficial britânica comunica agora um grande sucesso que o general Cunningham teria conseguido no Oriente Próximo sobre as forças teuto-italianas. [...] O fato da involuntária confissão de que nesta guerra os britânicos sempre estiveram em retirada diante dos soldados do Eixo, não é motivo de preocupações em Londres. Os ingleses de hoje são modestos. Pelo menos “uma” vitória foi conseguida, pelo menos “uma” vez os soldados de Sua Majestade avançaram em vez de recuar, como sempre acontece. Isso já basta. Deixemos os britânicos e sua modéstia e olhemos os fatos. O comunicado alemão, como também o italiano, informam que os ingleses (aliás, ingleses não e sim tropas neo-zelandesas, australianas e indígenas de outros domínios e colônias) foram rechaçados numa tentativa de ataque levada a efeito no dia 18 de novembro, na África Setentrional. Em contra-ataques infligiram ao inimigo pesadas baixas. [...] Numa barraca, em qualquer lugar do deserto, o general Cunningham está talvez a esta hora refletindo sobre as injustiças desta guerra. Ele que já viu, mentalmente, anexado ao seu nome o título de “vencedor do deserto”, constata que seus belos sonhos foram por água abaixo. [...] Ao lado da barraca do comandante inglês ouve-se, no entanto, o incansável “tique-tique-tique” dum aparelho de Morse. Ali está instalado o representante da “Reuter”, sempre cioso do seu dever e cumpridor das suas obrigações. “Tique-tique-tique” – “grande vitória britânica, avançamos cinquenta quilômetros”. O resto, aquele nobre correspondente de guerra inglês não conta. Segredos militares que não podem ser revelados já. “A Inglaterra precisa urgentemente de vitórias”. Agora tem, pelo menos, uma. É lamentável que não tenha chegado o resto da história. Mas, por enquanto, festeja-se, em Londres, a “primeira” vitória inglesa. Quem não gosta do seu primeiro filho, mesmo que nasça corcunda?! (TIQUE-TIQUE-TIQUE!, 1941, p.02).

O editorial ironizava a suposta “primeira” vitória britânica na guerra, pois até então só teriam ocorrido retiradas. Em outros editoriais, bem como na propaganda nazista, as chamadas “retiradas gloriosas” de Dunquerque, na França e nos Bálcãs foram alvo de pesadas críticas, pois evidenciariam a incapacidade militar dos ingleses, apresentados como covardes e pusilânimes, pois se valiam de outros povos para lutar pela causa britânica, desde os habitantes dos Domínios, tais como canadenses, neozelandeses e australianos, e até mesmo os franceses livres e russos. É digno de nota que novamente apareça no texto menção ao Ministério de Informações inglês, bem como à agência *Reuter*, o que indicava que os ingleses continuariam apelando para mentiras. Tais críticas aos ingleses também eram facilitadas em razão da própria orientação dos comunicados emitidos das Ilhas, pois os ingleses, durante a Segunda Guerra Mundial, imaginavam que “*propaganda [...] should always be based on the truth, even though it may distort the truth.*” (RHODES, 1987, p. 119)¹⁷ O fato dos comunicados oficiais ingleses terem a intenção de levantar o moral da

população e dos simpatizantes da Inglaterra levava estes a se tornarem, por vezes, ridículos, e eram, por isso, utilizados pelos nazistas, e logo em seguida, pelo *Meio-Dia*.

A ridicularização dos ingleses foi igualmente tema de muitos textos escritos por Joaquim Inojosa, que não deixou de enfatizar a fraqueza e covardia das tropas do Reino Unido. Tendo como pano de fundo a desastrosa campanha inglesa nos Balcãs em abril de 1941, na qual os ingleses perderam importante material bélico e foram evacuados para Creta (CALVOCORESSI; WINT; PRITCHARD, 1999, p. 177), Inojosa fez uma comparação entre a Batalha das Termópilas, na qual os espartanos defenderam com coragem seu território contra o invasor persa, com a luta que se desenrolava na Grécia, na qual os ingleses abandonaram o campo de batalha e fugiram do ataque alemão, em vez de ficarem e resistirem. Ao mesmo tempo, o texto trouxe, na figura do “grego desiludido” que teria feito uma nova inscrição no desfiladeiro, a noção de que todos os países que entraram na guerra ao lado dos ingleses foram abandonados pelos seus traçoeiros aliados e posteriormente derrotados, como os franceses, poloneses, iugoslavos, entre outros.¹⁸ O jornal deu a tais retiradas, como a de Dunquerque e na Grécia, o epíteto de “retiradas gloriosas”, em várias ocasiões, o qual também foi comum na propaganda nazista no período.

Embora o *Meio-Dia* já atacasse os plutocratas britânicos desde 1940, Winston Churchill tornou-se, em 1941, o assunto principal de vários editoriais e artigos de Inojosa, que não media esforços para atacar o primeiro-ministro. O editorial publicado em dezembro é exemplo da abordagem consagrada a Churchill e ao governo britânico, pois o discurso comentado é tido como mais uma “choradeira”, pois solicitava ao povo britânico sacrifício, o que já era feito desde 1939. O texto, exemplo das críticas feitas pelo jornal a Churchill, afirmava que

A Câmara dos Comuns da Inglaterra ouviu mais um discurso-choradeira do sr. Winston Churchill. [...] A nação britânica, fatigada e exausta por ter de produzir um esforço inesperado de dois anos, ouviu mais um apelo para que consinta “em mais um sacrifício e realize mais um esforço”. [...] E o que é mais grave: os ingleses têm também de substituir os importantes fornecimentos que esperavam da América do Norte e que foram desviados para a Rússia, porque os norte-americanos julgaram que será mais proveitoso auxiliar o russo, que briga de verdade, do que alimentar a madraçaria britânica, encerrada na sua ilha e esperando que lhe caiam dos céus aviões, munições, tanques e outros elementos para ganhar a guerra sem grandes esforços. [...] No futuro, disse o velho ministro britânico, nossos soldados combaterão em igualdade de armas e munições com os germânicos. Perguntamos: se o sr. Winston Churchill conhecia essa inferioridade de armas, por que motivo foi ele o instigador detestável desta guerra? E se não o conhecia, por que, como político orientador britânico, não procurou saber ao certo das possibilidades da nação que tantas vezes estendeu fraternalmente a mão ao seu país, gesto humano e superior que a Inglaterra, instigada por Churchill e outros Antonys e Edens, rechaçou estupidamente? [...] É verdade que o sr. Winston Churchill deixou de falar, muito a propósito, da sua querida Home Fleet, depositária de todas as

esperanças do espírito de conquista da Inglaterra insaciável. Acreditava ele, quando fazia propaganda de guerra, que a esquadra britânica era suficiente para bloquear a Alemanha e matar à fome velhos e crianças germânicos. Logo nos primeiros meses do conflito ficou bem patente que a Alemanha estava organizada para resistir ao bloqueio dos ingleses, a tal ponto que foi ela quem bloqueou a Inglaterra. [...] O menos que revelou o discurso do sr. Winston Churchill foi a sua imprevidência, a sua futilidade como homem de Estado, o desnorteio mental provocado pelo ódio à Alemanha [...]. (MAIS..., 1941, p. 02).

No editorial, considerava-se que os americanos estavam decepcionados com a Inglaterra, pois preferiam fazer as entregas do *Lend-Lease* (CALVOCORESSI; WINT; PRITCHARD, 1999, p. 220)¹⁹ aos russos, que estavam realmente lutando, do que aos ingleses, que ficavam entocados em sua ilha. Tal ponto do editorial remete, claramente, à suposição de que os britânicos estavam utilizando os russos para lutar em vez de assumirem os seus deveres, forma de enfatizar a covardia inglesa. Churchill era acusado de fomentar a guerra, mesmo sabendo que a força da Inglaterra não poderia comparar-se a dos alemães, e não aceitou uma paz, pois desconhecia a capacidade militar dos germânicos. Ao mesmo tempo, o primeiro-ministro inglês teria perdido suas esperanças na *Home Fleet*, a esquadra principal designada para a proteção das Ilhas Britânicas, já que o bloqueio da Europa continental, supostamente engendrado por Churchill e destinado a matar os alemães pela fome, teria falhado e se voltado contra seus próprios instigadores. O primeiro ministro foi chamado de imprevidente, estadista fútil e questionam-se mesmo suas capacidades mentais, além do desvio de caráter, que impulsionava a guerra na esperança de que a Inglaterra conseguisse a primazia na Europa.

Inojosa não procedeu de outra forma em relação ao político britânico. Tal como nos editoriais, o diretor do *Meio-Dia* foi bastante incisivo em suas críticas. Analisando o discurso do primeiro-ministro britânico proferido após a queda da Grécia, Inojosa afirmou que o povo inglês cansou-se de tantas retiradas e derrotas, e as palavras de Churchill soavam como as de um derrotado. O primeiro-ministro exibiria tantos fracassos que nada mais podia prometer e, portanto, sua carreira política estava acabada. Ao final do texto, Inojosa atacava a chamada “judiaria inglesa”, da qual Churchill seria o chefe, e afirmava que esta ajustaria contas com os alemães na África e no Atlântico, depois do desastre ocorrido na Grécia.²⁰

Conclusão

Como se depreende dos editoriais e artigos de Inojosa do período 1940-1941, observa-se que estes operavam segundo um padrão temático, que apontava supostas fraquezas do governo e exército ingleses, bem como tachava os políticos britânicos de

plutocráticos. Trata-se de um esquema já explicitado por Hitler em *Mein Kampf*, muitos anos antes da guerra:

Toda propaganda deve ser popular e estabelecer o seu nível espiritual de acordo com a capacidade de compreensão do mais ignorante dentre aqueles a quem ela pretende se dirigir. Assim a sua elevação espiritual deverá ser mantida tanto mais baixa quanto maior for a massa humana que ela deverá abranger. Tratando-se, como no caso da propaganda de manutenção de uma guerra, de atrair ao seu círculo de atividade um povo inteiro, deve-se proceder com o máximo cuidado, a fim de evitar concepções intelectuais demasiadamente elevadas.

Quanto mais modesto for o seu lastro científico e quanto mais ela levar em consideração o sentimento da massa, tanto maior será o sucesso. [...]

A capacidade de compreensão do povo é muito limitada, mas, em compensação, a capacidade de esquecer é grande. Assim sendo, a propaganda deve-se restringir a poucos pontos. E esses deverão ser valorizados como estribilhos, até que o último indivíduo consiga saber exatamente o que representa esse estribilho. Sacrificando esse princípio em favor da variedade, provoca-se uma atividade dispersiva, pois a multidão não consegue nem digerir nem guardar o assunto tratado. O resultado é uma diminuição de eficiência e conseqüentemente o esquecimento por parte das massas. (HITLER, 2001, p. 135-136).

Mesmo tendo sido modificada durante os doze anos de regime nazista, as máximas a respeito da propaganda elaboradas por Hitler nunca deixaram de ser seguidas. Dessa forma, pode-se perceber, nas estratégias de doutrinação do regime no período da Segunda Guerra Mundial, os “estribilhos” anunciados pelo ditador alemão já em 1925. Curiosamente, esses “temas” propagandísticos também apareciam no jornal brasileiro. Não parece demais afirmar que o *Meio-Dia*, em 1940 e 1941, operava como um dos órgãos difusores da doutrinação de guerra nazista no Brasil, utilizando-se de propaganda alemã. De fato, após a falência do empreendimento têxtil de Inojosa em 1939, o jornal passou a receber, como já foi dito, suporte da Embaixada Alemã no Rio de Janeiro e da agência de notícias *Transocean*. A confiar no relato feito pelo DOPS e pela análise dos editoriais, fica evidente que o jornal dependia cada vez mais do apoio alemão, pois a propaganda nazista e a presença da *Transocean* em suas páginas foi, a partir de 1940, um fato incontestável. É certo que Inojosa recebia quantias em dinheiro da agência e ainda da Embaixada Alemã para sanar dívidas e manter a publicação ativa, mas também o próprio diretor do *Meio-Dia* teve participação fundamental na difusão de propaganda nazista, pois era o autor de artigos que louvavam a Alemanha e atacavam os inimigos do Reich.

Por fim, para que se possa comparar o conteúdo do periódico com o que era veiculado na Alemanha, vale a pena observar um dos vários artigos escritos por Goebbels durante a guerra, o qual tem tom muito semelhante ao utilizado no jornal brasileiro:

It is a major error to assume that England's plutocrats slipped into the war against their will or even against their intentions. The opposite is true. The English warmongers wanted the war and used all the resources at their disposal over the years to bring it about. They surely were not surprised by the war. English plutocracy had no goal other than to unleash war against Germany at the right moment, and this since Germany first began to seek once again to be a world power.

Poland really had little to do with the outbreak of war between the Reich and England. It was only a means to an end. England did not support the Polish government out of principle or for humanitarian reasons. That is clear from the fact that England gave Poland no help of any kind whatsoever when the war began. Nor did England take any measures against Russia. The opposite, in fact. The London warring clique to this day has tried to bring Russia into the campaign of aggression against Germany. [...]

[...] There are lords and City men in England who are in fact the richest men on earth. The broad masses, however, see little of this wealth. We see in England an army of millions of impoverished, socially enslaved, and oppressed people. [...]

[...] Still, England is trying once again to wage war without making any personal sacrifice. The goal is to blockade Germany, to gradually bring it to submit by starvation. [...]

[...] National Socialism is immune to English temptations. English propaganda lies no longer work in Germany. They have gradually lost their effectiveness in the rest of the world as well, since German propaganda today reaches far beyond its borders. [...]

[...] Plutocracy is collapsing intellectually, spiritually, and in the not too distant future, militarily. We are acting consistently with Nietzsche's words: "Give a shove to what is falling." (GOEBBELS, 1939).²¹

No artigo de Goebbels fazem-se presentes quase todos os temas elencados no *Meio-Dia*, tais como a ideia de plutocracia, de que os britânicos eram egoístas e lutavam por interesses próprios, que utilizavam outros povos em proveito próprio, a propaganda de mentiras e a suposta vontade dos ingleses de estrangular a Alemanha por meio de um bloqueio continental. O trecho citado parece deixar cada vez mais clara a influência alemã no jornal, visto a semelhança entre os textos publicados com o que era veiculado na imprensa germânica. De fato, durante dois anos, o *Meio-Dia* simplesmente transpôs para o Brasil temas e clichês alemães de propaganda, até o final de 1941. Em dezembro, com o ataque japonês a Pearl Harbor, o órgão brasileiro não teve outra opção a não ser apoiar os Aliados, haja vista a solidariedade do governo brasileiro para com os norte-americanos. A partir daí, cessou completamente a campanha antibritânica no jornal. No ano seguinte, já sem o apoio financeiro alemão – cessado com o fechamento de empresas e da própria Embaixada Alemã depois do rompimento com a Alemanha e Itália no final de janeiro de 1942 – a publicação afinal ruiu em outubro.

Recebido em 28/7/2013

Aprovado em 4/11/2013

NOTAS

¹ Para compor sua trajetória, foram utilizadas as seguintes obras do autor: (INOJOSA, [1968 ou 1969], 1975, 1978), a partir das quais se organizou a sua trajetória. Vale ressaltar que as afirmações retiradas não foram tomadas como plena expressão dos acontecimentos, visto serem estas obras memorialísticas, escritas em momento posterior.

² O Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ) conserva dossiê a respeito do *Meio-Dia* (1940-1943), bem como o prontuário de Joaquim Inojosa (1939-1956). Embora ambos contenham informações relevantes a respeito da história do periódico, é preciso atentar para o fato de que pairam dúvidas sobre a veracidade dos detalhes presentes nos documentos. Não é possível precisar, por exemplo, como tais informações foram recolhidas, e nem quem as fez. No entanto, a julgar pela existência de codinomes de informantes e pela própria natureza dos dados presentes nas páginas, é provável que o DOPS tenha infiltrado agentes no jornal, além de ter destacado outros para seguir aqueles julgados importantes, como Joaquim Inojosa e Mário da Trindade Henriques.

³ Não foi possível precisar, quer por intermédio do próprio jornal, quer pelos livros de memórias de Inojosa, a autoria dos editoriais. É provável que o diretor do *Meio-Dia* fosse o responsável, mas não há como confirmar tal suposição.

⁴ Segundo Schmidt (1953, p. 604-616) a expressão tem raízes na Idade Média e sua origem é, provavelmente, francesa. Remete à suposta deslealdade britânica, patente no fato de haver abandonado seus aliados à própria sorte, em mais de uma guerra. Nos anos 1940, serviu aos interesses da propaganda nazista, para atacar a moral dos países combatiam ao lado da Inglaterra.

⁵ “De parte da Inglaterra, todos os esforços se voltavam para a concatenação dos elementos mundiais em preparo da guerra. Um alto oficial inglês disse em Lisboa, que era preciso atacar a Alemanha já e já, antes dela se colocar em situação invencível. [...] Mas, a intriga continuou dominando por todos os cantos oficiais da Inglaterra, sobretudo. Porque a Inglaterra foi a alma danada desta guerra no seu preparo, como o é agora, no prosseguimento do conflito. [...] Pouco a pouco, a trama sinistra se define nos seus contornos e, finalmente, aparece a mão do criminoso preparador de guerras, de todas as guerras passadas e presentes. Das guerras futuras não, por que – é uma prece fervorosa ao Todo Poderoso que fazemos – esse criminoso deixará de existir como elemento malfazejo dentro de breves tempos. Nasceu da guerra, viveu dela e há de morrer dessa indústria malfadada...” (O LIVRO..., 1940, p. 03).

⁶ “Agora a França e a Inglaterra têm a guerra que elas queriam! Elas iniciaram contra todos os preceitos do direito internacional o bloqueio contra a Alemanha e vaticinaram que a morte pela fome de milhões de mulheres e de crianças alemãs em breve tornaria o Reich mais acessível aos seus desejos. [...] Hoje eles se encontram diante do montão de ruínas dos seus próprios planos. [...] A fome que a Inglaterra havia reservado a mulheres e crianças alemãs bate hoje nas próprias portas dos ingleses. Nada mais se ouve falar hoje do bloqueio inglês contra a Alemanha; mas a Alemanha tirou à Inglaterra 15 milhões de contos da sua importação, procedente dos países do norte da Europa. E esta perda não pode ser compensada por nada. A Inglaterra declarou à Alemanha guerra até ao extermínio. Ela mesma é a única culpada, se hoje as consequências deste plano ‘humano’ recaem sobre o próprio povo inglês.” (TU L’AS VOLU, 1940, p. 02).

⁷ Em tradução livre: “A Batalha da Inglaterra, historiadores poderiam concordar em retrospecto, teve cinco fases de improvisação alemã: primeiramente a ‘Batalha do Canal’ (*Kanalkampf*) de 10 de julho ao começo de agosto; então a ‘Operação Águia’, começando no ‘Dia da Águia’ (*Adlertag*), 13 de agosto, a ‘clássica’ fase de combate aéreo entre a *Luftwaffe* e a *Royal Air Force*, a qual durou até 18 de agosto; depois a mudança dos esforços de ofensiva da *Luftwaffe* contra as bases aéreas do *Fighter Command* de 24 de agosto a 6 de setembro; então a Batalha de Londres, de 7 a 30 de setembro, quando os pilotos da *Luftwaffe* escoltaram seus bombardeiros diariamente, à luz do dia em crescentes e custosos ataques contra a capital britânica, e finalmente uma série de ataques menores até o final ‘oficial’ da Batalha em 30 de outubro”.

⁸ “O rádio e a imprensa da Inglaterra procuram, nos últimos oito dias, vencer um ao outro, num verdadeiro páreo de otimismo áureo. Mas, apesar de se apertar cada vez mais a rosca da censura oficial britânica, aquele que sabe ler nas entrelinhas dos jornais ingleses encontra bastante material para fazer uma idéia exata sobre a situação reinante, hoje, na Inglaterra. [...] Uma ilha acha-se em

chamas, visto ela ter ousado lançar a tocha de guerra para a Europa e, isto unicamente no interesse plutocrata de uma pequena camada dominante. Estes, os causadores desta guerra, já estão preparando a sua retirada. O Canadá é a miragem, onde esperam poder colocar em segurança suas vidas preciosas. [...] houve outras vítimas de sangue destes provocadores de guerra: a Noruega, a Bélgica, a Holanda e a França. A todas elas a Inglaterra só prestou auxílios no papel. A propaganda inglesa fez ecoar o mundo de vitórias que eram derrotas e conquistas que de fato, significavam a destruição completa das tropas britânicas.” (ÉXTASE..., 1940, p. 02).

⁹ “Mais uma vez a chamada opinião pública inglesa – que não é senão a de Churchill – desdenha da proposta feita pelo chanceler Hitler. Proposta de paz de um vencedor, que antes de lançar-se contra o inimigo lhe estende a mão generosa. Essa displicência britânica é que deu em resultado o sacrifício da França, da Noruega, da Bélgica e da Holanda. [...] Se há um povo que, de fato, não poderá resistir a uma guerra longa com o Reich, nas circunstâncias atuais, é o inglês. As ilhas britânicas quase nada produzem para alimentar a população. Tudo são os ‘súditos de Sua Majestade’, lá pelos domínios ou colônias, que preparam para os *weekend* britânicos. Daí a necessidade de manter sem interrupção os comboios da Índia ou da África ou da América... Bloqueadas essas ilhas, terão de render-se assim que se lhes esgotem as reservas de certos víveres...” (INOJOSA, 22 jul. 1940, p. 02).

¹⁰ “[...] E é de ver com que sorriso os anglófilos manifestam a convicção de ter a Alemanha... perdido a guerra. Só e só porque os céus britânicos em tal dia não foram visitados pelos caças germânicos. [...] Essa é, porém, a impressão de quem está de longe. E de quem ouve apenas a lenga-lenga noturna da “bêbêcê”. [...] Só os cegos – os de espírito, bem entendido – não vêem que não é por amor à arte de treinar que os aviadores alemães arriscam diariamente suas vidas, tocados pela flama patriótica de uma causa universal – qual a de destruir o imperialismo britânico, chave do judaísmo internacional.” (INOJOSA, 29 out. 1940, p. 02).

¹¹ Em tradução livre: “O fracasso alemão para ganhar supremacia aérea era certo em outubro, quando o combate aéreo lentamente diminuiu. Nenhum lado foi derrotado em qualquer sentido convencional. Embora o campo de batalha estivesse sujo com os escombros da batalha, as duas forças de aviões de combate tinham cada uma, em outubro, por volta de 700 aeronaves operacionais e número suficiente de pilotos treinados para usá-las, um balanço de forças não muito diferente daquele do início da batalha. As perdas alemãs excederam grandemente àquelas da RAF por conta da vulnerabilidade de bombardeiros e bombardeiros de mergulho. Entre 10 de julho e 31 de outubro a RAF perdeu 915 aeronaves, a força aérea alemã 1733. Perdas nos dois lados foram logo compensadas. O resultado foi, tecnicamente, um empate forçado. Forças britânicas tinham pouca perspectiva de reentrar na Europa continental; forças alemãs não podiam, nas presentes circunstâncias, invadir ou ocupar a Inglaterra.”

¹² Em tradução livre, “Para os estrategistas britânicos um grande vazio se abriu. Onde iriam eles atacar em seguida o Eixo, agora que a Europa estava completamente fechada? Mais uma falta de alguma alternativa viável do que qualquer outra coisa, assim como para proteger os interesses britânicos mais além no exterior, a guerra foi transferida para o litoral norte africano e para o Mediterrâneo. Logo a vitória na batalha da Inglaterra pareceria como um incidente isolado em uma luta perigosa e imprevisível.”

¹³ Em tradução livre: “nos primeiros anos da guerra a propaganda (alemã) teve uma tarefa simples, capitalizando sobre as vitórias da blitzkrieg.”

¹⁴ Em tradução livre: “A Inglaterra era representada como a cidadela da ‘plutocracia’, onde um punhado de financistas corruptos, a maioria deles judeus, encorajava hostilidades internacionalmente, pois isso incrementava suas riquezas, além do seu domínio sobre o trabalhador pobre. Os alemães não tinham disputas com as massas inglesas, [...], somente com seus governantes.”

¹⁵ “[...] Trata-se dum sistema que foi engenhoso, talvez, nas primeiras quatro semanas da guerra atual, mas que começou a aborrecer: o sistema de jogar com frases tonitruantes, de focalizar utopias, de inventar e, finalmente, empregar todos os meios para apresentar a causa perdida dos britânicos numa fictícia iluminação de bem-estar. Leia-se hoje a descrição tortuosa e simplesmente incrível que uma agência telegráfica inglesa faz do último e mais furioso bombardeio que sobre Londres jamais passou. Relatando primeiramente a eficiência com que agiram os pilotos alemães no seu raid de represália, a mesma agência, decerto para minorar a má impressão que o leitor internacional terá da perfeita ineficiência da arma anti-aérea londrina, começa a contar histórias que unicamente podem ser geradas no cérebro de insanos ou, quem sabe, de desesperados. Por exemplo: um homem tinha perdido a chave de sua casa. Vieram as bombas germânicas e a casa daquele cidadão britânico ficou literalmente destruída. Que fez o homem? Lastimou-se? Ficou triste? Seriam reflexos perfeitamente normais numa pessoa que acaba de perder tudo o que possuía! Mas, não. A agência telegráfica oficial inglesa fez aquele homem exultar de alegria: “Graças a Deus! Agora já não preciso mais

daquelas chaves!” Outra daquele comunicado: “Mas, esse terrível raid não foi capaz de transtornar sequer a vida normal de Londres. De manhã, às nove horas, depois de terem tomado seu pequeno almoço, os londrinos se transportaram pelas vias habituais aos locais dos seus afazeres. O tráfego funcionava normalmente!” Daí, se deve tirar a conclusão de que as bombas alemãs não causaram prejuízo algum!? [...] A propaganda oficial britânica, no entanto, inventa histórias que demonstram uma falta de espírito dum lado, e, de outro lado, uma insensatez da qual se pode dizer unicamente que os seus autores são insanos. [...]” (PROPAGANDA..., 1941, p.02).

¹⁶ Gregos e sérvios avançam. Invadida a Bulgária pelos ingleses! A Hungria já não é mais soberana! Detida a ofensiva alemã! Esses e outros os dísticos alarmantes que certa agência telegráfica espalha no seu noticiário pelos jornais do Rio. [...] Horas depois, a mesma agência distribui pelos mesmíssimos periódicos, os comunicados oficiais. É como se diz vulgarmente, “água fria na fervura”. Os fatos desmentem tudo quanto a propaganda inglesa assoalhara, com o fim exclusivo de levantar a moral do seu povo, dos seus súditos, do seu exército de simpatizantes... [...] Ainda ontem, as primeiras edições de todos os vespertinos exaltavam as avançadas anglo-greco-iugoslavas. Dizia-se que a ofensiva alemã fracassara, e que tudo ia mal para as tropas do Reich. Mas à tarde uma peninha atrapalhou tudo – o comunicado oficial grego. O qual confessava que os soldados germânicos haviam alcançado o mar Egeu; que tinham estabelecido uma barreira entre os exércitos gregos e iugoslavos; que o exército iugoslavo do sul fugia desordenadamente [...]” (INOJOSA, 09 abr. 1941, p.02).

¹⁷ Em tradução livre: “propaganda [...] deveria sempre ser baseada na verdade, muito embora ela possa distorcer a verdade.”

¹⁸ “Com os 300 fiéis soldados espartanos, e mais os 700 que à última hora se lhe reuniram, Leônidas lutou até o último instante. “Um após outro, unidos como irmãos, caíram sob os golpes dos Medas”. O rei de Esparta e os seus 300 voluntários preferiram a morte heróica à desonra de uma fuga. Quem, hoje, passar pelas Termópilas, lerá esta inscrição numa de suas rochas: - “Caminhante, vai e dize a Esparta que morremos aqui em obediência às suas leis”. [...] Esta recordação histórica nos vem à mente no instante exato em que as tropas inglesas atravessam as Termópilas em desabalada fuga, direção ao mar. É certo que dificilmente se obrigaria um inglês a conhecer história. Acredito mesmo que não tenham tido tempo de ler a inscrição gravada pelos gregos num daqueles despenhadeiros. O Porto do Piréu fica bem próximo das Termópilas, e é preciso alcançá-lo antes do anoitecer. [...] Hoje, quem visitar as Termópilas, lerá, abaixo da inscrição de Leônidas, estas palavras escritas por algum grego desiludido: - “Caminhante, vai e dize a Atenas que por aqui passaram os ingleses em fuga para o Piréu”. (INOJOSA, 23 abr. 1941, p.02).

¹⁹ O *Lend-Lease* era um método no qual os ingleses (ou ainda os russos, franceses livres e outros países aliados) podiam requerer materiais, em sua maioria, bélico, ao governo norte-americano. Este, por sua vez, repassava os pedidos às empresas e pagava as despesas. As solicitações eram, em seguida, arrendadas ou emprestadas, com pagamento depois da guerra.

²⁰ “Winston Churchill proferiu palavras de desalento. Verdadeira missa de sétimo dia, o seu discurso. Frases de um vencido, que não sabe por onde recomeçar a vida. Falou em situação moral quando é essa, justamente, a que mais lhe deve pesar no ânimo. Porque, prometendo vitórias ao seu povo, não lhe dá senão sucessivas derrotas, de tal ordem que passa a não merecer fé o que promete. É esse, hoje em dia, o aspecto real de sua posição na política britânica: de um chefe de governo que de tanto fracassar não tem mais autoridade para prometer. Quando o homem público desce a um grau tão persistente de descrédito, ele está com a sua carreira irremediavelmente encerrada. [...] Churchill teve de proferir uma de suas arengas, não para justificar a “estratégica retirada” da Grécia, mas para anunciar que na África e no Atlântico é que ajustará contas com os inimigos da judiaria inglesa... [...]” (INOJOSA, 30 abr. 1941, p.03).

²¹ Em tradução livre: “É um grande erro supor que os plutocratas da Inglaterra entraram na guerra contra a sua vontade ou até mesmo contra as suas intenções. O oposto é verdadeiro. Os belicistas ingleses queriam a guerra e usaram todos os recursos à sua disposição ao longo dos anos para realizá-la. Eles certamente não foram surpreendidos pela guerra. A plutocracia inglesa não tinha outro objetivo que não desencadear a guerra contra a Alemanha no momento certo, e isto desde que a Alemanha começou a buscar mais uma vez ser uma potência mundial. A Polônia realmente tinha pouco a ver com a eclosão da guerra entre o Reich e a Inglaterra. Era apenas um meio para um fim. A Inglaterra não apoiava o governo polonês por princípio ou por razões humanitárias. Isso é evidente pelo fato de que a Inglaterra não deu à Polônia nenhuma ajuda de qualquer espécie quando a guerra começou. Nem tomou a Inglaterra quaisquer medidas contra a Rússia. O oposto, na verdade. A camarilha guerreira londrina até hoje tentou trazer a Rússia para a campanha de agressão contra a Alemanha. [...] Há lordes e homens da City na Inglaterra que são na verdade os homens mais ricos

do planeta. As grandes massas, no entanto, veem pouco dessa riqueza. Vemos na Inglaterra um exército de milhões de pobres, socialmente escravizados, e pessoas oprimidas. [...] Ainda assim, a Inglaterra está tentando mais uma vez fazer a guerra sem fazer qualquer sacrifício pessoal. O objetivo é bloquear a Alemanha, para gradualmente fazê-la a se submeter pela fome. [...] O Nacional-socialismo é imune às tentações inglesas. As mentiras da propaganda inglesa já não funcionam na Alemanha. Elas têm gradualmente perdido sua eficácia no resto do mundo também, já que a propaganda alemã hoje alcança muito além de suas fronteiras. [...] A plutocracia está desmoronando intelectualmente, espiritualmente e em um futuro não muito distante, militarmente. Estamos agindo de acordo com as palavras de Nietzsche: "Dê um empurrão ao que está caindo."

FONTE:

MEIO-DIA. Rio de Janeiro, 1940-1941.

REFERÊNCIAS:

ARAÚJO, Rejane. Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). In: ABREU, Alzira Alves de et. al. (Coord.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2001, p. 1830-1833.

A SOMBRA da derrota. *Meio-Dia*, Rio de Janeiro, p. 02, 10 out. 1940. Edição final. Fonte: Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB).

BRASIL. Constituição (1937). Rio de Janeiro. Diário Oficial da União - Seção 1 - 10/11/1937, Página 22359. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1930-1939/constituicao-35093-10-novembro-1937-532849-publicacaooriginal-15246-pe.html>>. Acesso em: 19 maio 2014.

CALVOCORESSI, Peter; WINT, Guy; PRITCHARD, John. *The Penguin History of the Second World War*. London: Penguin, 1999.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto: EDUSP, 1988.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: Entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa: DIFEL, 1990. (Coleção Memória e Sociedade).

COSTA, Alexandre Andrade da. *Caleidoscópio político: as representações do cenário internacional nas páginas do jornal O Estado de S. Paulo (1938-1945)*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

ÊXTASE de propaganda. *Meio-Dia*, Rio de Janeiro, p. 02, 27 ago. 1940. Edição final. Fonte: Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB).

FERREIRA, Marieta de Moraes. A Noite. In: ABREU, Alzira Alves de et. al. (Coord.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2001. Disponível em: <<http://www.fgv.br/CPDOC/BUSCA/Busca/BuscaConsultar.aspx>>. Acesso em: 04 dez. 2010.

FEST, Joachim. *Hitler*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. 2 v.

FRANZOLIN, João Arthur Ciciliato. *As representações da Alemanha no jornal Correio da Manhã (1937-1942)*. Assis: Relatório de Iniciação Científica (Departamento de História – Universidade Estadual Paulista/Campus de Assis/FAPESP) sob a orientação da Professora Dra. Tânia Regina de Luca, 2008.

GAK, Igor Silva. *Os fins e seus meios: diplomacia e propaganda nazista no Brasil (1938-1942)*. 2006. 135 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2006.

GOEBBELS, Joseph. *Englands Schuld*. In: München: Illustrierter Beobachter, Sondernummer, 1939, p.14. Disponível em: <<http://www.calvin.edu/academic/cas/gpa/goeb47.htm>>. Acesso em: 28 jun. 2012. Tradução do alemão para o inglês feita por Randall Bytwerk.

GOULART, Silvana. *Sob a verdade oficial: Ideologia, propaganda e censura no Estado Novo*. São Paulo: Marco Zero, 1990.

HITLER, Adolf. *Minha luta – Mein Kampf*. São Paulo: Centauro, 2001.

INOJOSA, Joaquim. “Meio-Dia”. *Meio-Dia*, Rio de Janeiro, p. 02, 02 mar. 1939. Fonte: Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB).

_____. Infernal isolamento... *Meio-Dia*, Rio de Janeiro, p. 02, 22 jul. 1940a. Fonte: Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB).

_____. Lenga-lenga. *Meio-Dia*, Rio de Janeiro, p. 02 e p. 4, 29 out. 1940b. Edição final. Fonte: Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB)

_____. Comunicados que atrapalham... *Meio-Dia*, Rio de Janeiro, 09 abr. 1941a, p. 02. Fonte: Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB).

_____. As Termópilas. *Meio-Dia*, Rio de Janeiro, p. 02, 23 abr. 1941b. Fonte: Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB).

_____. Missa de 7º dia... *Meio-Dia*, Rio de Janeiro, p. 03, 30 abr. 1941c. Fonte: Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB).

_____. *O movimento modernista em Pernambuco*. Rio de Janeiro: Tupy, [1968 ou 1969].

_____. Notícia biobibliográfica de Joaquim Inojosa. Rio de Janeiro: Meio-Dia, 1975.

_____. *60 Anos de Jornalismo (1917-1977)*. Rio de Janeiro: Meio-Dia, 1978. 3 v.

KEEGAN, John. *The Second World War*. New York: Penguin, 2005.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 111-153.

MAIS UM discurso. *Meio-Dia*, Rio de Janeiro, p.02, 03 dez. 1941. Edição final. Fonte: Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB).

MORGAN, Kenneth O. (Ed.). *The Oxford History of Britain*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

O LIVRO branco alemão. *Meio-Dia*, Rio de Janeiro, p. 03, 06 abr. 1940. Fonte: Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB).

OVERY, Richard J. *The Battle of Britain*. London: Penguin, 2004.

PEIXOTO JÚNIOR, José Carlos. *A ascensão do nazismo pela ótica do Diário de Notícias da Bahia (1935-1941): um estudo de caso*. 2003. 166 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

PROPAGANDA errada. *Meio-Dia*, Rio de Janeiro, p. 02, 19 abr. 1941. Edição final. Fonte: Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB).

RHODES, Anthony. *Propaganda. The Art of Persuasion: World War II*. Secaucus: The Wellfleet Press, 1987.

ROBERTS, Andrew. *The Storm of War. A new history of the Second World War*. London: Penguin, 2010.

SCHMIDT, H.D. The Idea and Slogan of “Perfidious Albion”. *Journal of the History of Ideas*, Philadelphia, v. 14, n. 4, p. 604-616, out., 1953.

SOUZA, José Inácio de Melo. *O estado contra os meios de comunicação (1889-1945)*. São Paulo: Annablume: FAPESP, 2003.

TIQUE-TIQUE-TIQUE! *Meio-Dia*, Rio de Janeiro, p. 02, 20 nov. 1941. Edição final. Fonte: Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB).

TU L’AS VOLU. *Meio-Dia*, Rio de Janeiro, p. 02, 21 maio 1940. Edição final. Fonte: Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB).

WELCH, David. *The Third Reich: Politics and Propaganda*. London: New York: Routledge, 1995.